

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTE CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA	29. JAN. 1980	CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Melo Antunes declara guerra à política externa portuguesa

Fundação Cuidar o Futuro

Ao regressar da sua viagem a Belgrado, o conselheiro da Revolução e presidente da Comissão Constitucional, tenente-coronel Melo Antunes expressou a "apreensão dos meios internacionais" quanto ao que considerou "um certo retorno da política externa portuguesa". Sublinhou que esta assenta em "teses que já fizeram época há algumas dezenas de anos" e tem "um tipo de linguagem favorável à intensificação da guerra fria e nada propícia à paz e à détente".

Esta insólita atitude de um membro proeminente de um dos órgãos de Soberania, em flagrante oposição aos critérios e à orientação do Governo em matéria tão importante, não podia deixar de ser interpretada, como efectivamente foi, nos meios políticos nacionais, como inadmissível intromissão em áreas que passaram a ser definitivamente da competência do Executivo.

Os mesmos sectores interrogam-se de que modo subtil o conselheiro se socorreu para surpreender as reacções dos "meios internacionais", sendo certo que em todas as capitais do Mundo livre as recentes atitudes do Governo português em matéria de política externa merecem os mais favoráveis comentários. Confundir a détente com a consumada invasão dum país é uma tese que repugna a qualquer espírito bem formado. O bom senso e o respeito pela acção do Executivo em áreas da sua competência são qualidades que se impõem a qualquer funcionário consciente e responsável. Mormente ao presidente duma comissão a que incumbe a vigilância e o zelo do cumprimento da Constituição.

As declarações de Melo Antunes atingiram, no entanto, ilimitado desequilíbrio quando o exílio de Sakharov foi comparado, "salvaguardando as proporções", à exoneração de Pintassilgo!... Que se saiba, ninguém impediu ou poderia impedir Pintassilgo de dar publicidade a todos os seus pontos de vista... Que se saiba, o Governo não impôs residência fixa à ex-primeiro-ministro, nem a impede de circular livremente pelo País ou pelo estrangeiro... Comparar os dois casos constitui monstruosidade jurídica e um aborto literário. A não ser que tudo se justifique para engrossar a campanha que visa denegrir os resultados das últimas consultas eleitorais...

(Págs. Centrais)

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA	29. JAN. 1980	CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Melo Antunes preocupado com as imagens...

O tenente-coronel Melo Antunes, que desde a revolução desencadeada pelo golpe militar de Abril tem afirmado inclinação pela política externa, dedicando-se especialmente como "embaixador itinerante", com dois intervalos como ministro dos Negócios Estrangeiros, aos contactos com regimes socialistas e dos que se convencionaram apelar de "não-alinhados", tomou ontem a sua primeira atitude de frontal oposição ao Governo novo, no poder por vontade expressa nas urnas, assim testemunhando o seu desagrado por a coligação democrática do centro abandonar a estratégia que era seguida nas relações externas e haver determinado pôr fim à prática das "diplomacias paralelas" de que o nosso País não tem beneficiado, uma vez que somente se têm servido certas clientelas partidárias e interesses alheios a Portugal.

No regresso de Belgrado, onde permaneceu vários dias a convite de uma das organizações socialistas ligadas ao regime jugoslavo, aquele conselheiro revolucionário invocou a existência em meios internacionais, que não identificou mas se supõem ser os ligados à linha mais influente da Internacional Socialista e a determinados regimes, de

uma alegada "apreensão quanto àquilo que é considerado um certo retorno da política externa portuguesa". Ao que se sabe, pelas tomadas de posição já conhecidas, a política externa do Governo Sá Carneiro apenas tem sido criticada em países da órbita soviética ou que alinhem nas posições radicais inspiradas pelo Kremlin. Por isso, a "apreensão estrangeira" que serviu de argumento para emitir essas opiniões e as dos meios a que está ligado foi acolhida surpreendentemente pelos círculos ocidentais, especialmente europeus, com os quais realmente se identificam os interesses de um País como o nosso.

O destacado membro do órgão de tutela da jovem democracia e presidente da sua comissão constitucional adiantou, mesmo, que a nova política externa de um Ministério constituído por vontade expressa do eleitorado assentaria em "teses que já fizeram época há algumas dezenas de anos" e teria "um tipo de linguagem favorável à intensificação da guerra-fria e nada propícia à paz e à "détente", elementos fundamentais da convivência humana". Fazendo parte de um órgão não-eleito, e que portanto nunca se submeteu ao voto, único processo permiti-

do em democracia para se seleccionarem os agentes do poder, o tenente-coronel Melo Antunes fez deste modo a sua primeira intromissão em esferas de competência de outra sede do poder, provocando apreensão e marasmatos nos meios democráticos nacionais e deixando ainda mais perplexos os observadores que admitem não estarem alguns conselheiros revolucionários dispostos a abdicarem do tipo de poder que têm exercido praticamente desde o Verão de 74.

"DEIXAR AS MÃOS LIVRES AO PR"

O conselheiro Melo Antunes, que revelou ter retirado a sua candidatura a funcionário da ONU por considerar que a "evolução política operada no País", por vontade de uma maioria dos portugueses, aconselha a não sair agora do País, confessou que nesta "emergência" entendeu "deixar as mãos livres ao Presidente da República" no campo da política externa, quando se desenha "um conflito" entre o Governo e o PR". Mais: esse "conflito" já constitui também preocupação do "próprio secretário-geral Kurt Waldheim", que "ficaria numa situação embaraçosa", além de que "o

prestígio do País ficaria abalado", a demonstrar que outra perspectiva das inquietações são sempre as posições em que se colocam os interesses internos - ou, pelo menos, de determinados interesses supranacionais.

Outra das preocupações do tenente-coronel Melo Antunes é a presente situação do "embaixador político" Maria de Lurdes Pintassilgo, que entrou na carreira precisamente por nomeação daquele militar em Maio de 75, quando ministro dos Negócios Estrangeiros, numa altura em que a agora ex-primeira-ministra, na sequência do golpe do "11 de Março", não se manteve no Governo por ter surgido um "diferendo" com Vasco Gonçalves. Para Melo Antunes, a proposta de exoneração de Pintassilgo de representante na UNESCO é "um acto inqualificável demonstrativo de um espírito de "revanche", mesquinho, retrógrado e em profunda incompatibilidade com tudo o que hoje na Europa, mesmo nos meios mais conservadores, se pensa fazer aos adversários políticos". Esquecendo-se de que o poder nos últimos anos só escolheu para a maioria dos postos pessoas que afirmassem uma indiscutível fide-

idade ideológica, o conselheiro foi ainda mais longe ao citar a repressão que tem atingido Sakharov - colocado, como disse, em "exílio interno por ter ideais discrepantes da direcção política" da Rússia -, para pôr em paralelo, embora "salvaguardando as proporções", a decisão do Executivo da AD de a exonerar, por falta de confiança política. E claro, que igualmente neste aspecto teve ocasião de verificar: nos tais meios internacionais que se trata de "um gesto altamente negativo para a imagem de Portugal". A dúvida respeita, unicamente, a que tipo de imagem se quereria referir. Ou então não haverá mesmo lugar a qualquer dúvida...

"CATÓLICOS" ELEVAM PINTASSILGO A MÁRTIR

Entretanto, procurando uma certa forma de publicidade que faça crer que a saída de Lurdes Pintassilgo da cadeira do poder deixou inconsolados largos estratos da população portuguesa, prossegue a campanha de "solidariedade" a favor desta, que encontra apenas eco em jornais próximos da outrora "maioria de esquerda", que a

controversa ex-chefe de Governo sempre negou privilegiar. Ao mesmo tempo que a arvora em "mártir" do actual Governo, que por mecanismos legais expressos constitucionalmente não é obrigado a acatar a decisão dos executivos anteriores que a mantiveram na embaixada da UNESCO em Paris, uma aut nomeada "Comissão Promotora do Encontro com Maria de Lurdes Pintassilgo", que agora emitiu um comunicado demonstra uma preocupação inexplicável em garantir que ela é "católica, apostólica, romana..."

Assim, em panegírico que lhe dedicam, agora tornado público", referem nomeadamente que "em tudo o que fez, Pintassilgo invocou a fé cristã", pelo que os signatários do presente documento, "católicos" como ela, se reconhecem "no modo como incarnou o espírito das vementuras na generalidade da sua opção política". Dizem, também, que Pintassilgo "deixou marcas positivas na sociedade portuguesa" e o seu "estilo e valores" contribuíram para "a marcha colectiva do nosso povo".

Por outro lado, "a sua prática política não se limitou às cúpulas do poder, mas

buscou o contacto directo com as populações, acreditando na capacidade popular para encontrar as melhores soluções". A fim de dar conta das suas realizações próximas, esta "comissão" terá hoje uma reunião com jornalistas, na Casa da Imprensa.

VÍTOR ALVES

PREOCUPADO

Por outro lado, o presidente da comissão organizadora do "Congresso das Comunidades Portuguesas", tenente-coronel Vítor Alves, foi ontem recebido no Palácio de Belém pelo general Ramalho Eanes. Julga-se que o encontro se relaciona com o facto do Governo reclamar a sua exclusiva competência sobre a concretização do congresso e comemorações do "Dia de Portugal". Esta legítima posição e a declaração do ministro de não dispor nesta altura dos milhares de contos pedidos por aquele oficial para despesas inerentes aos compromissos que assumiu estão a provocar pressões de vários sectores da esquerda, que invocam ter aquele conselheiro revolucionário um "grande prestígio" junto dos núcleos de emigrantes.